

SUBJECTIVIDADE E CIDADANIA NA RÚSSIA PÓS-COMUNISTA

Richard Sakwa

A pesar do sistema soviético ter reconhecido o conceito de cidadania universal, o monopólio do poder exercido pelo PCUS manteve o seu caráter parcial e desigual. Com a *perestroika*, a luta pela democracia procurou dar corpo à cidadania plena e igual, ou seja, a efectiva participação de todos através do sistema representativo no tocante à gestão dos assuntos públicos e à possibilidade de responsabilizar as elites pelos seus actos. Contudo, o legado soviético mantém-se forte, assumindo novas formas na Rússia contemporânea. A «democratização da democracia» faz hoje parte de uma aspiração: conseguir um constitucionalismo efectivo (Estado de Direito, separação e limitação dos poderes) e um sistema de prestação de contas. E, na mesma linha, promover os atributos da cidadania junto dos indivíduos, nomeadamente inculcando um sentido de eficiência e responsabilidade política.

SUBJECTIVITY AND CITIZENSHIP IN POST-COMMUNIST RUSSIA

Richard Sakwa

The struggle for full and equal citizenship in the former Soviet Union started with *Perestroika* and goes on in post-Soviet Russia trying to ensure the effective participation of

every citizen in the representative system and also to make the political elites accountable for their acts. Yet the old Soviet legacy remains a heavy burden in contemporary Russia. The «democratization of democracy» has yet to obtain an effective constitutionalism – the rule of law, the separation of powers – and a proper system of political accountability. Also, efforts are needed in order to promote citizenship values among individuals.

O DESAFIO DOS ESTADOS UNIDOS À INFLUÊNCIA RUSSA NA ÁSIA CENTRAL E NO CÁUCASO

Larisa Homarac e Roger E. Kanet

Desde a última década e meia, desde a implosão da antiga União Soviética, os Estados Unidos emergiram como interveniente activo na Ásia Central e no Cáucaso, competindo tanto com a Federação Russa como com a China pela influência em toda a região. À medida que os jovens estados da Ásia Central tentam definir-se como nações, estão a ser construídos novos laços com os estados da esfera da Eurásia – incluindo a China, a Índia, o Paquistão e o Irão. Considerando o crescente poder da China e as suas necessidades energéticas para alimentar o seu crescimento económico, bem como o cada vez mais importante papel do Irão como actor no Médio Oriente, os interesses dos Estados Unidos na Ásia Central são bastante maiores do que comumente admitido.

Historicamente, a Ásia Central tem sido a ponte entre a Ásia e a Europa, e é do interesse das principais potências ajudar a reconstruir os ainda frágeis e débeis países da Ásia Central e do Cáucaso de forma a tornarem-se sociedades estáveis e pacíficas. Esta tarefa apenas poderá ser possível com o fortalecimento dos laços entre os Estados Unidos, a Europa e a Rússia, e não com a continuação dos esforços anacrónicos para manter esferas de influência.

AMERICAN CHALLENGES TO RUSSIAN INFLUENCE IN CENTRAL ASIA AND THE CAUCASUS

Larisa Homarac and Roger E. Kanet

In the last years, since the demise of the Soviet Union the United States has emerged as an active player in Central Asia and in the Caucasus, challenging both Russian and Chinese influence in those regions. The new states of Central Asia are building their relations with Eurasian states – China, India, Pakistan and Iran. The interests of the United States in the region are growing as it takes into account the rising power of China and its energy needs as well as the role of Iran. The main powers should have a stake in shoring up the fragile new states in Central Asia and the Caucasus. This can only be achieved if the cooperation between the United States, Europe and Russia replaces old fashioned ‘sphere of influence’ strategies.

A REVOLUÇÃO LARANJA NA UCRÂNIA: UMA DEMOCRACIA A CONSOLIDAR

Maria Raquel Freire

Este artigo analisa o processo de transição democrática na Ucrânia, tendo como enquadramento analítico os modelos de transição e a sua aplicação ao espaço da antiga União Soviética. Da análise parece claro que a Ucrânia se encontra actualmente numa fase de consolidação democrática, apesar de muitas dificuldades, do contínuo questionamento da reversibilidade do processo e do funcionamento institucional interno frágil. Além do mais, este artigo adiciona à complementaridade analítica oferecida pelas teorias ao nível macro e micro, a dimensão externa como transversal a estes dois níveis de análise, não menos importante na desconstrução da complexidade do processo de transição democrática na Ucrânia.

THE ORANGE REVOLUTION IN UKRAINE: A DEMOCRACY SEEKING ITS CONSOLIDATION

Maria Raquel Freire

This article analyses the process of democratic transition in Ukraine adopting as analytical frames transition models and their applicability to the former Soviet space. In addition, the article adds to the analytical complementarity offered by theories at the micro and macro levels, the external dimension as a transversal issue, the importance of which should not be underestimated.

From the analysis it seems clear that Ukraine is currently in a stage of democratic consolidation, despite many difficulties, the continuous questioning of the reversibility of the process and of the country's institutional fragilities. In that sense, the Ukraine has yet to consolidate a democratic regime. The irreversibility of democratization is not secure and the political institutions remain vulnerable.

«É EVIDENTEMENTE MUITO EMBARAÇOSO TOMAR POSIÇÃO.» PORTUGAL E A CRISE DO SUEZ DE 1956

Fernando Martins

Este artigo trata da política externa portuguesa durante a crise do Suez de 1956 e tem dois objectivos primordiais. Em primeiro lugar procurará demonstrar em que medida, a partir de finais da década de 1940, e até ao desfecho da crise do Suez no início de 1957, o Norte de África e o Médio Oriente foram preocupações importantes na política externa portuguesa com importantes ramificações noutras áreas. Em segundo lugar, tentará narrar e analisar o efeito produzido pelos acontecimentos decorridos essencialmente entre Julho e Novembro de 1956 e a reacção que os mesmos provocaram nos meios político-diplomáticos portugueses. Apesar de, em 1956, Portugal partilhar a condição de potência colonial com franceses e britânicos, e ser, portanto, afectado pelas mudanças produzidas pelo advento do nacionalismo árabe, manteve perante a crise do Suez um comportamento prudente e autónomo procurando gerir um equilíbrio delicado com constrangimentos na esfera política, militar, ideológica e económica.

«IT'S OBVIOUSLY VERY EMBARRASSING TO TAKE A STAND». PORTUGAL AND THE SUEZ CRISIS

Fernando Martins

This article deals with Portuguese foreign policy and diplomacy during the 1956 Suez Crisis and has two main goals. First of all it will try to show in what way from the late 1940's until the end of the Suez Crisis in early 1957, Northern Africa and the Middle East were concerns in Portuguese foreign policy with outcomes in other fields. Secondly it will try to recount and analyse the effect produced by events that happened mainly from July to November 1956 and reactions produced by them in the Portuguese political and diplomatic sphere. Even if in 1956 Portugal was in many features a colonial power identical to France and

Britain, affected by political changes produced by the upcoming of Arab nationalism, it kept throughout the crisis a prudent and autonomous role whose purpose was to manage a delicate balance that included political, military, ideological and economic monter.

SUEZ E A RELAÇÃO TRANSATLÂNTICA

José Cutileiro

A crise do Suez em 1956 tem sido evocada como um precedente da última crise transatlântica, na sequência da invasão anglo-americana do Iraque. As diferenças entre as duas crises, todavia, são mais fortes do que as suas semelhanças. A primeira quase não teve consequências na relação transatlântica, nomeadamente nas relações entre os Estados Unidos e a Grã-Bretanha. A segunda entretanto passou, como mostra a missão da NATO no Afeganistão. A crise do Suez teve sobretudo efeitos sérios nas políticas externas e internas da França e da Grã-Bretanha. A intervenção contra o Egipto mostrou que Eden, quando comparou Nasser a Hitler e um compromisso local a um novo Munique, não tinha percebido em que mundo tinha passado a viver e como é que nesse mundo se podiam defender os interesses europeus. Em 1956, os americanos tiveram razão e é inquietante pensar que há quem ainda ache o contrário.

SUEZ AND THE TRANSATLANTIC ALLIANCE

José Cutileiro

The analogies between the Suez crisis and the latest transatlantic rift after the invasion of Iraq are more apparent than real. The 1956 crisis had almost no consequences for the transatlantic relationship and the relations between the United States and Great Britain were restored almost immediately afterwards. The 2003 crisis also did not last for long as shown by NATO's mission in Afghanistan. The Suez crisis had serious consequences as far as the British and French imperial policies were concerned. The intervention against Egypt showed that Eden, when he compared Nasser to Hitler and rejected a compromise in order to avoid a «new Munich», had failed to understand the world he was now living in and did not know how best to protect European interest in that world. Back in 1956 the Americans were right and it is distressing to think that some do still find otherwise.

DA CRIAÇÃO DA UNESCO À ADESAO DE PORTUGAL (1946-1965)

Luís Nuno Rodrigues

Este artigo aborda a relação entre Portugal e a UNESCO, desde a fundação deste organismo até à adesão portuguesa em 1965. Numa primeira parte veremos como o Governo de Salazar chegou a ponderar um eventual pedido de adesão à UNESCO como compensação pelo desaire representado pelo veto soviético à participação portuguesa na ONU, e examinaremos as razões que o levaram a desistir dessa hipótese. De seguida mostraremos como a firme resistência de Lisboa a qualquer espécie de interferência externa nas suas questões ultramarinas contribuiu para retardar a adesão de Portugal à UNESCO até 1965, dez anos após o ingresso do país na ONU, e de como a eclosão da guerra colonial na África portuguesa tornou ainda mais tensos os contactos do Estado Novo com esse organismo internacional.

FROM UNESCO'S FOUNDATION TO PORTUGAL'S ACCESSION (1946-1965)

Luís Nuno Rodrigues

The aim of this article is to study the relationship between Portugal and UNESCO from the latter's foundation to Portugal's accession in 1965. In the first part we'll see how Salazar's Government initially pondered a candidacy to UNESCO as a sort of a compensation for the Soviet veto to Portugal's UN membership and what made him put that idea aside. Afterwards we will show how Lisbon's firm resistance to any kind of external interference in its colonial issues contributed to delay Portugal's accession to UNESCO until 1965, and how the outbreak of the colonial wars in Africa brought an enormous amount of tension to the Estado Novo contacts with that international body.